

Os dois pilares sobre os quais se assenta todo o conceito de normalidade mental humana são Razão e Livre Arbítrio. Na Idade Antiga, quem não os tinha, era chamado de *mentecaptus* (privado da mente) ou de *furiosus* (aquele que tinha fúria). Ainda na Idade Antiga, com o correr dos anos, o esculápio grego Asclepiades Betiniensis, que vivia em Roma e era amigo íntimo de Cícero, percebeu que os “mentecaptus” e os “furiosus” eram postos de parte, alheados, alienados pelas pessoas e até pelos cães, que ladravam quando um deles passava. Assim, cunhou o termo *alienatio menti*, alienado mental, que até hoje, por ser perene, ainda é usado e a bom direito.

Alienado mental é nome genérico, com o correr dos anos, ainda na Idade Antiga, mas já avançando para a Média Baixa, outros nomes, ou melhor, algumas espécies de alienados mentais foram descritos, como, por exemplo, os *demonomaníacos* e os *lunáticos*. Os primeiros, porque imperava o conceito mágico-místico-religioso sobre a causa da alienação mental, e lunáticos, por supor-se que o paroxismo que algumas espécies de alienação mental apresentavam dependia da mudança da lua.

Interessante notar que muitos termos, embora médicos, eram usados no Direito. Nos códigos românicos antigos encontra-se “furiosus”, “mentecaptus” e alienados mentais, cujos nomes atravessaram centúrias e foram ter na Idade Moderna, como demonstra a interessante passagem in Ordenação Portuguesa, do início do século passado, título 81, seguinte: “O varão, menor de quatorze anos, ou a fêmea, menor de doze, não podem fazer testamento, nem o furioso. Porém, se não tiver o furor contínuo, mas por lua, valerá o testamento que fez estando quieto. E isso que dizemos do furioso, vale para o mentecapto”.

Na Idade Média Alta, início da Moderna, nasceu um termo que teria, como teve, larga aceitação entre os tratadistas da Medicina e os tratadistas do Direito: louco. Esse nome somente existe nos povos de

MENTECAPTO

LUNÁTICO

IMBECIL

IDIOTA

GUIDO ARTURO PALOMBA (*)

língua portuguesa e espanhola, por influência dos árabes, e vem de *láuqa*, tonto, bobo; ao mesmo tempo, e de igual maneira, também se usava o vocábulo árabe *sandia*, que quer dizer melancia, com cuja fruta o povo comparava a cabeça do insano. Hoje em dia temos, daí derivado, os termos ensandecer, sandice e sandeu (estulto, tolo).

Loucura é um substantivo largamente usado, já na Medicina, já no Direito. Loucura Moral (Prichard), Loucura Lúcida (Júlio de Mattos), Loucura da Dúvida (Ey), Loucura Circular (dos franceses), Loucura Menstrual Periódica (Krafft-Ebing), Loucura Induzida (“folie à deux”), Loucura Alcoólica (Bleuler), encontramos em vários clássicos da Medicina.

Quanto ao Direito, no Código Civil brasileiro hoje vigente, nos artigos 5º, 142, 446, 1.627 e 1.650, usa-se a seguinte expressão: “loucos de todo gênero”, o que permite afirmar que o quase medieval nome é também contemporâneo. Um outro tanto se dá com o vocábulo “demente”, antigo na origem e atual na presença pelo art. 218 do Código de Processo Civil, em vigor desde 1973, que diz assim: “Não se fará citação

quando se verificar que o réu é demente ou está impossibilitado de recebê-la.” Na Medicina contemporânea temos demência senil, demência arteriosclerótica, demência esquizofrênica, demência alcoólica, demência na doença de Alzheimer etc.

Do começo da Idade Moderna para cá multiplicou o número de médicos que se debruçaram sobre os males da mente, e muitos novos nomes foram criados para caracterizar as várias espécies de alienação mental, de loucura.

Como a Medicina é uma ciência e não há ciência que não receba luzes da filosofia, a luz filosófica que triunfou na Medicina foi cartesiana.

Com efeito, René Descartes estabeleceu a *res corporea* (coisas do corpo) e a *res cogitans* (coisas do cógito). Cerca de 40 anos depois de Descartes um médico alemão, Walter Von Tschenshausen, escreveu dois livros: *Medicina Corpore* (que vem da *res corporea*) e *Medicina Menti* (que vem da *res cogitans*). Em 1841, época em que era moda verter nomes para o grego, Damerov verteu o “medicina menti” para o grego, dando *psykhè*

(pneuma, ar, alma, cógito) *yatreia* (medicina), donde *psykheyatria*, psiquiatria.

A psiquiatria, que é medicina mental, criou o nome doença mental, que consta também do corpo do Direito Penal brasileiro, em vários artigos.

Para os verdadeiros taxionistas não importa se os nomes nasceram na antiguidade, no medievo e ou em qualquer época. Serão dados como bons se servirem para revelar, de forma clara, distinta e adequada, a essência do denominado. Muitas vezes um bom nome cai no uso popular e acaba desvirtuado, mas, mesmo assim, deve-se cuidar para que, ao menos tecnicamente, permaneça puro, despido dos pejorativos emprestados pelo poviléu. Um exemplo disso dá-se com os nomes *idiota*, *imbecil* e *débil mental*. Centenários de nascimento e muito usados pejorativamente, mesmo assim, cuidaram para que constasse na próxima Classificação Internacional de Doenças (C.I.D.), 10ª revisão, que vigorará a partir de 1995 e atravessará o primeiro lustro do século XXI. Originalmente querem dizer: *Idiota*, vem de *ideos*, próprio. Aplicado ao indivíduo cujo retardamento mental só lhe permite vida própria, semi-vegetativa, não tem vida política. *Imbecil*, vem de *in*, negação; *bacillum*, bastão. Falta ao indivíduo o bastão, o apoio da inteligência. O primeiro termo é um desenvolvimento mental retardado profundo ou oligofrenia profunda (*oleigos*, pequeno; *phren*, mente). O segundo (imbecilidade), é retardo mental moderado, ou oligofrenia moderada.

Se existe um desenvolvimento mental retardado profundo e outro moderado, existe também um leve, pois a natureza não dá saltos (*natura non facit saltus*, Leibniz), que é a *debilidade mental* (débil, fraco). Corresponde ao indivíduo de inteligência quase normal que vem, como dito, mencionado na C.I.D. 10ª revisão (F40). Portanto, tem garantida a presença no “reveillon” do ano 2000.

(*) Guido Arturo Palomba é membro titular da Academia Paulista de História.

PLACA DE PRATA

Profissionais demonstram

Palavras proferidas pelo Dr. Edmundo Maia, saudando o Prof. dr. Darcy de Mendonça Uchôa, na homenagem promovida pelo Departamento Cultural da APM, no Dia do Médico, em sessão solene realizada no dia 18.10.1994.

Colegas, Srs. e Sras.,

"Este salão nobre da APM tem se transformado simbolicamente num templo de Asclépio para homenagear, no Dia do Médico, personalidades de vanguarda que se destacaram, por seus méritos, na Medicina e na Comunidade, pessoas que, imbuídas de um ideal elevado, acreditaram no que faziam, exercendo suas profissões com dignidade e, por isso, venceram.

Aquele é o que critica; este é o que destrói. Seja V. aquele que serve. O servir não é tarefa de seres inferiores." Assim falou Gabriela Mistral. Assim inicio minhas palavras nesta solenidade Programada pelo Departamento Cultural da APM, referindo-me sobre os três homenageados de hoje: ANTONIO ERMIRIO DE MORAES, amálgama de engenheiro, empresário, articulista, paramédico, humanista, idealista pragmático, a quem admiramos, respeitamos e aplaudimos como um brasileiro exemplar; DUILIO CRISPIM FARINA, respeitável escultor muito ligado à Psicologia Médica, destacado historiador com uma extensa folha de serviços prestados à comunidade, e DARCÝ DE MENDONÇA UCHÔA, médico psiquiatra, psicanalista, professor, sobre o qual recebi a incumbência de vos falar, o que farei com muita honra.

Darcy Uchôa nasceu em Maceió, em 2 de junho de... (minha senhora recomendou-me que não declinasse o ano)... Desde criança Darcy revelou seu talento privilegiado. Aos 14 anos concluiu o curso secundário no Liceu Alagoano. Aos 15 anos e meio, vencendo barreiras burocráticas, conseguiu matricular-se na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio, a tradicional e famosa Praia Vermelha, onde estudaram Franco da Rocha, James Ferraz Alvim, quem vos fala e tantos médicos que prestaram relevantes serviços ao Brasil. Aos 20 anos e meio, Darcy diplomava-se. Voltou a Maceió, lá trabalhando como clínico geral, quase 2 anos. A convite de um tio residente em Ribeirão Preto, mudou-se para S. Paulo. Inicialmente trabalhou na pequena cidade de São Joaquim da Barra, fazendo clínica geral.

Aos 29 anos passou a trabalhar, como estagiário, no Hospital de Juqueri, onde efetivamente iniciou sua brilhante carreira de psiquiatra. Dois anos após, foi indicado para trabalhar no Manicômio Judiciário. Não fazia seu gênero lidar com doentes mentais criminosos. Logo pediu transferência para o Hospital Central de Juqueri. Designado para o 2º Pavilhão de Homens (onde o conheci em 1944), atuava no Setor de Tratamento Intensivo. O que quer dizer que Darcy tratava de doentes mentais em surto psicótico, tendo de usar os procedimentos terapêuticos da época: piroterapia, choques insulínicos (método de Sakel), convulsoterapia pelo cardiazol (método de von Meduna) e convulsoterapia

elétrica (método de Cerletti-Bini).

Nas décadas de 40 e 50 nosso homenageado integrava a plêiade de huminares da Neuropsiquiatria brasileira que pontificava em Juqueri: Anibal Silveira, Mario Yahn, Paulo Leutino (já homenageado nesta casa), André Teixeira Lima, Francisco Tancredi, Paulo Pinto Pupo, Osório Cesar, Celso Pereira da Silva, José Reis, Walter Maffei.

Anos depois, Darcy transferiu-se de Juqueri para o Hospital Psiquiátrico Pinel, em Pirituba. A seguir passou para o antigo Hospital das Perdizes e novo Ambulatório das Perdizes, onde voltamos a trabalhar, lado a lado, por algum tempo.

A folha corrida de Darcy Uchôa é longa e rica de fatos e feitos dignos de destaque. Mas terei de enquadrar-me dentro do tempo previsto. Esforçar-me-ei, pois, a ser o mais breve possível através desta síntese que estou fazendo sobre a vida e a obra de Darcy Uchôa.

Em 1943 doutorou-se em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina, defendendo tese sobre a "Psicopatologia de Incesto". Em 1946 tornou-se livre docente da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da USP e, em 1959, da Faculdade Nacional de Medicina. Em 1963, com a tese "Psicodinâmica da Depressão", conquistou a cátedra de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina, onde lecionou até aposentar-se em 1977. E ainda teve fôlego para, em 1967 disputar a cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, classificando-se em 2º lugar.

Foi ainda professor de Psiquiatria da Escola de Pós-Graduação "Carlos Chagas", no Rio, professor de Psiquiatria Dinâmica e professor-analista do Instituto de Ensino da Sociedade Brasileira de Psicanálise de S. Paulo, credenciado pela The International Psycho-Analytical Association de Londres.

Foi presidente do Centro de Estudos "Franco da Rocha", do Departamento de Neuropsiquiatria da APM, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de S. Paulo (por duas vezes) e da hoje Federação Psicanalítica da América Latina. Foi ainda diretor-fundador do Sanatório Charcot. Participou de vários simpósios e congressos científicos, no Brasil e no exterior, com apresentação de importantes trabalhos. Defendeu 5 teses. Escreveu 8 livros. Foi agraciado com diversas medalhas, condecorações e honrarias nacionais e internacionais. Em Juqueri era chamado o "Colibri", por sua facilidade, seu timbre de voz musical e por suas belas expressões ao discursar.

Darcy Uchôa casou-se aos 29 anos com D. Ondina Gomes de Mendonça Uchôa, companheira abnegada de todos os momentos de sua vida. Teve 2 filhos, 4

netos e 2 bisnetos. E deve ter plantado sua árvore - a Árvore da Vida, pois mesmo aos 80 e tantos anos continua a atender seus clientes diariamente, no período da tarde.

Creio estar devendo um esclarecimento aos psicanalistas que estranharam minha escolha para saudar Darcy Uchôa. Sei que muitos me colocam entre os adversários da Psicanálise. Por desconhecerem meu bom relacionamento com os psicanalistas de vanguarda do Brasil, como Durval Marcondes e Adelhaid Koch em S. Paulo, Werner Klemper, Iracy Doyle, Perestrello, Bahia, Walderedo, Cabernite e Maria Manhães no Rio. Recordei aos Srs. que, em 1961, quando diretor da Divisão Nacional da Saúde Mental, solucionei uma questão pendente, há anos, no serviço público, entre os psiquiatras clássicos e os psicanalistas. Estes reagiam sem trabalhar por se recusarem a fazer terapêuticas químicas e biológicas em neuróticos. Aqueles criavam dificuldades para a prática da terapia psicanalítica. Solucionei o conflito criando, nos ambulatórios e nos hospitais, serviços de Psicoterapia, entregues à direção de psicanalistas. Como integrava a cúpula do Ministério da Saúde, levantei o nome de Durval Marcondes para ser agraciado, em 1963, com a Medalha do Mérito Médico. Além disso, orgulho-me de merecer a consideração e a amizade deste notável psicanalista Darcy Uchôa.

Minha postura eclética na prática clínica e minha visão holística do mundo como psiquiatra e psicoterapeuta, estribada na influência direta recebida dos mestres Henrique Roxo e José Leme Lopes no Rio e Paulo Lentino em S. Paulo, jamais impediram esse respeito mútuo e esse bom relacionamento meu com os psicanalistas.

Os traços mais relevantes da vida de Darcy Uchôa, a meu ver, estão, além do talento inato e da disposição para o trabalho, na persistência para a conquista da cátedra de Psiquiatria - alcançada com brilhantismo no exercício profissional e em sua paixão pela Psicanálise, da qual se tornou um verdadeiro líder.

"O homem culto é capaz de adaptar-se a tudo e a todos, e descobrir, no mundo e na vida, fontes infinitas de enriquecimento", disse H. Baron.

Darcy Uchôa, V. é dessas pessoas enriquecidas pelo saber e pela bondade. Méritos que V. soube usar para ensinar os discípulos, para compreender os que sofrem, para transmitir simpatia e paz aos que o cercam.

Como médico, como professor, como cidadão, V. cumpriu o ideal de servir. Por tudo isso, esta homenagem especial que a Associação Paulista de Medicina lhe presta no Dia do Médico é bem justa. Parabéns, Darcy de Mendonça Uchôa!"

Agradecimento,

"Ao dirigir-me a tão douta quão seleta assistência, que as minhas primeiras palavras sejam de louvor à Ciência Médica, aos ilustres colegas representantes da Medicina e suas respectivas famílias, a todos nós que cultivamos a Ciência Hipocrática, à Medicina.

A investigação científica tem por fim descobrir o novo, condição essencial para o progresso da humanidade, mas há algo de específico com a Medicina no sentido de que seu progresso, mercê do gênio de alguns de seus cultores às descobertas postas imediatamente a serviço do bem-estar humano, isto é, combate a dor e sofrimento do homem ao vencer doenças e disfunções que tanto infelicitam o ser humano.

É como se a Medicina tivesse em sua essência o toque do ético, do superético, até mesmo do sagrado e do religioso nessa busca de alívio do sofrimento, do vencimento da doença e da dor que tanto afligem o ser humano.

Agradeço ao Prof. Dr. EDMUNDO MAIA a tão brilhante quão generosa saudação à minha pessoa, agradecimento a esse colega e grande amigo desde os tempos em que nós ambos trabalhávamos no Hospital de Juqueri (Franco da Rocha) lutando contra a doença mental ao usar os mais moder-



Momento de entrega da Placa de Prata

m sua emoção

...ras do Dr. Darcy de Mendonça Uchôa
...adecimento ao receber a Placa de Prata
...das mãos do dr. Edmundo Maia.

nos métodos de tratamento dos anos 30-60 (Sakel, Meduna, Cerletti-Bini, Malarioterapia, Leucotomia Pré-frontal, Lobotomia, além dos clássicos medicamentos excitantes depressivos) em companhia de outros ilustres colegas da área.

Percorri os vários departamentos daquela tão famosa instituição iniciando a minha atuação no Manicômio Judiciário (para psicopatas criminosos) e depois nos pavilhões em ambulatórios da "ASSISTÊNCIA A PSICOPATAS DO ESTADO DE SÃO PAULO".

Após poucos anos de prática da clínica geral tornei-me decididamente um psiquiatra.

Em determinado momento, ao tomar conhecimento da Ciência Psicanalítica pela leitura e reflexão das obras geniais de SIGMUND FREUD, tornei-me psicanalista e senti que a psiquiatria, posto realizando grandes progressos nas áreas psicobiológicas e terapêuticas, estava necessitando de uma importante ajuda do psicológico, não do superficial tipo hesitação-resposta ou mesmo das brilhantes contribuições de tipo Watson, Mc Dougal, correntes condutivas enfim, mas sim na psicanálise. Passei a trabalhar no sentido de unir a psicanálise à psiquiatria, desejando que aqui a psiquiatria fosse enriquecida

pela psicologia e, vencendo resistências nas várias Faculdades do ensino superior, fui apresentando meu trabalho nas revistas especializadas de psiquiatria e em Faculdades Médicas de grande porte.

Diplomado em 1927 na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil no RJ, consegui o doutorado em 1943 com a tese "Psicopatologia do Incesto".

Em 1946 tornei-me docente livre na Faculdade de Medicina de SP com a tese "A Estrutura Psicológica da Neurose Compulsiva", em 1959 tornei-me docente livre na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, no RJ (tese: "Psicopatologia da Despersonalização"), em 1963 tornei-me professor catedrático da Escola Paulista de Medicina (tese: "Psicodinâmica da Depressão"), em 1967 tornei-me livre docente com a tese "Estrutura Psicológica do Delírio Esquizofrênico" na Faculdade de Medicina da Universidade de SP.

Além das teses mencionadas escrevi cerca de 10 (dez) livros sobre matéria psiquiátrica e psicanalítica, freqüentei vários Congressos Psiquiátricos e Psicanalíticos estrangeiros (Europa e América do Sul).

Fui presidente da Sociedade Psicanalítica de SP e do COPAL (hoje FEPAL, respectivamente Comitê Organizador Psicanálise América Latina e hoje Federação Psicanalítica América Latina).

Sr. presidente Dr. GUIDO ARTURO PALOMBA, sras. e srs..

Por falta de tempo não continuarei a mencionar o meu trabalho, em prosseguimento ao que já foi mencionado para justificar a honra que recebo desta casa.

Renovo, ao terminar, os meus agradecimentos a todos desta seleta audiência, ao ilustre presidente Dr. Guido, ao meu caro colega Edmundo Maia.

Não há palavras que exprimam exatamente o que sinto pela honra desta cerimônia. Terei apenas de usar as que existem.

Prezados amigos, sinto-me honrado, honradíssimo. Obrigado, muito obrigado, obrigadíssimo."



Dr. Darcy de Mendonça Uchôa das mãos do dr. Edmundo Maia

LOVE IS THE BEST DOCTOR

Prof. Carlos da Silva Lacaz (*)

Muito a propósito deixei o título deste artigo em inglês, tal como registrado por H.O. Ventura & F.H. Messerli em oportuno trabalho publicado recentemente em Ann. Int. Med. 120:890, 1994.

Pregando a humanização da arte hipocrática e o caráter teocrático que deve sempre orientá-la, isto é, o caráter sacerdotal, a mensagem em apreço é um vigoroso apelo a todos os colegas para que utilizem no exercício da profissão a técnica ao lado do humano, pois esta atitude sempre fez a grandeza de nossa profissão, situada a mesma, pela sua transcendência e importância, dentro das grandes categorias do pensamento humano.

Guimarães Rosa, médico e escritor mineiro, já afirmava que, nos dias de hoje, a primeira função do médico é a de transmitir coragem, nos bons e maus momentos, principalmente nos últimos. Se a curiosidade das moléstias pode fazer o sábio, é o amor aos doentes que faz o verdadeiro médico, dizia com razão Paul Le Gendre. Nos momentos de tristeza, de angústia, de sofrimento, a palavra do médico possui a força do sortilégio que abrandava a fúria do ventaval.

Transcrevemos, a seguir, o trabalho de Ventura & Messerli (1994), em primorosa tradução feita, a nosso pedido, pelo Prof. Gildo Del Negro, que sempre nos honrou com sua dignificante amizade, de tantos e tantos anos.

Em me tornei realmente muito frustrado com o caso da Lisette. Meu colega Franz e eu temos acompanhado Lisette desde que seu marido faleceu há 5 anos. Ela se queixava de tudo: juntas doloridas, dor nas costas, dificuldade respiratória, unhas encravadas, mas acima de tudo, "cansaço". Não somente fadiga, e sim, dor generalizada e "fadiga". Examinei-a todas as vezes em que ela veio para "check-up". Escutava seu coração. Media a pressão arterial. E a cada vez, os resultados eram os mesmos: tudo estava normal. "Mas estou cansada, doutor", e "me dói tudo", Lisette insistia. "Descreva suas dores para mim"; eu permanecia cético. "Bem...", pensou por um minuto, "as dores começam em todo o corpo e depois localizam-se nas mãos". Ela olhava à distância.

"Minhas mãos doem tanto!" Tomei suas mãos nas minhas. Olhei-as.

Elas apresentavam dedos longos, bonitos e finos, porém fortes. As articulações não estavam inchadas. Nenhuma deformidade, nem imperfeição. A pele de suas mãos era apenas levemente enrugada e havia pequeninas manchas pálidas, próprias da idade, apenas visíveis. Como é raro para uma mulher de 55 anos ter mãos tão elegantes, pensei. Contudo, por que ela insistia que suas mãos eram tão dolorosas? Girei-as para examinar as palmas: eram róseas e saudáveis.

Olhei para sua face. Ela olhava fixamente à distância, como se quisesse apanhar algo deixado para trás. "Eu tocava piano quando era jovem", ela disse, com uma voz tão fraca que eu mal podia ouvi-la. "Mas eu "envelheci" e meus problemas começaram, e eu desisti do piano, mesmo para meus amigos." Nós ambos nos sentamos, silenciosamente. Lisette estava em perfeita saúde. O que eu poderia dizer a ela? Nada satisfeito, disse-lhe apenas que voltasse dali a 6 meses. Dois meses depois, vi o nome de Lisette na agenda do dia. A fraqueza dela deve ter piorado, pensei, aborrecido. Subi para a sala de exame e fiquei pasmo com a aparência de Lisette. Seus olhos e cabelos brilhantes e seu estado geral faziam-na parecer muito mais jovem que seus 55 anos. Seu brilho impressionava. A transformação era impressionante. Fiquei mudo. Antes que eu pronunciasse uma palavra, ela explodiu: "Recomecei a tocar por partes, Doutor, apenas para os amigos; eu havia esquecido quão maravilhosa eu me sentia ao tocar Chopin. Ouvir sua música. Ver o prazer nas faces do pessoal".

Ela sorriu. "Isto é maravilhoso", eu disse. "Encontrei um homem. Ele também gosta de Chopin. E de Bach, e de Beethoven", ela falou com emoção. "Ele é único para mim. Nós... nos apaixonamos. E sabe de uma coisa, doutor? É a coisa mais impressionante. Não estou mais cansada. Todas as minhas dores se foram." Depois que ela saiu, Franz e eu discutimos o caso. Concordamos no diagnóstico. Como disse certa vez Molière, "O amor é o melhor médico". Ou será Chopin?

Atentem nossos colegas para esta história de amor e sempre repitam: "Love is the best doctor".

(*) Professor Carlos da Silva Lacaz é Diretor do Museu Histórico da FMUSP.

LITERATURA É HISTÓRIA. TAMBÉM.

Décio Drummond*

Nos países adiantados a literatura e a arte em geral são consideradas como partes integrantes da vida cotidiana. É rara a pessoa, na França, na Inglaterra e na Itália, que não lê, no mínimo, um livro por semana, ou que não vai ao teatro, ou ao cinema, ou que não frequenta galerias de arte. Lamentavelmente, num país como o Brasil, em que o povo vive em permanente corte de despesas, a literatura é encarada como coisa bonita, sim, mas supérflua, uma espécie de cosmético do espírito... Quanto ao teatro e ao cinema, são vistos como meros passatempos, de preferência que façam rir. Uma peça reacionária e alienada como *Trair e Coçar é Só Começar* está há dez anos em cartaz, com casas cheias. Tristes trópicos... Quanto às galerias de arte, essas vivem às moscas.

É justamente a literatura que ajuda o indivíduo a tomar consciência de si mesmo e do mundo à sua volta, mostrando-lhe qual o seu verdadeiro lugar na sociedade. A literatura e seus derivados, o teatro e o cinema, quando de boa qualidade, refletem o ser humano em sua dimensão mais autêntica. É através da literatura que o cidadão se faz capaz de descortinar o panorama histórico em que vive. O indivíduo que ignora a história é um ser desorientado e sem raízes.

O leitor assíduo e que sabe distinguir a boa da má literatura, vai adquirindo visão cada vez mais nítida

do mundo. Quem nunca leu Balzac, *Eça de Queiroz*, não sabe o que está perdendo.

Mas, como saber distinguir a boa da má literatura? Não é tão difícil. Os bons livros tornam o leitor mais forte e melhor. Os maus são descartáveis, não acrescentam coisa alguma ao espírito, podendo até ser perniciosos. Por exemplo: *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, narra as aventuras de uma menina em suas primeiras descobertas do mundo a ser redor. *Polyana*, de Katherine Ann Porter, narra as aventuras de uma menina em suas primeiras descobertas do mundo a seu redor. Então, são iguais? Decididamente não! Existem diferenças abismais entre eles: *Alice no País das Maravilhas*, incontestavelmente uma das maiores obras-primas da literatura universal, metaforiza críticas sociais finas e coerentes, obrigando o leitor a refletir sobre muitos aspectos de uma sociedade hierarquizada e injusta (o chá da Rainha), além de proporcionar interpretações em torno de conceitos como subjetividade e objetividade, que nos habituamos a aceitar tacitamente.

Enquanto que *Polyana* é sentimentalóide e piegas, não criticando coisa alguma, descrevendo um mundo cor-de-rosa e quimérico, sem o mínimo reflexo na realidade. *Polyana* é anestesiante e pernicioso.

Outro exemplo: F. Scott

Fitzgerald, em todos os seus livros, apresentou personagens ricos, grã-finos, ociosos, transitando no eixo Los Angeles-New York-Paris.

Harold Robbins faz exatamente a mesma coisa.

Então, esses autores são iguais? Têm o mesmo peso? Absolutamente não! As diferenças qualitativas são imensuráveis.

As novelas de Scott Fitzgerald constituem literatura de altíssimo nível, enquanto que as de Harold Robbins são pura e desagradável literatice.

Scott Fitzgerald, em todos os seus livros, faz um corte na sociedade norte-americana com o fino bisturi de um consciente cirurgião. Sua crítica social é contundente e universal, proporcionando ao leitor uma visão de mundo clara e objetiva.

Harold Robbins, quando tem a pretensão de fazer crítica social, utiliza o grosso facão de um açougueiro. Suas pseudo-análises da sociedade estadunidense são oportunistas e falsas.

Todos os personagens de Scott Fitzgerald têm sangue e nervos. Os de Harold Robbins só têm genitália...

De onde se conclui que literatura não é mero ornamento, algo decorativo e que dá prestígio. Não. Na literatura, o leitor aprende a respeito da sociedade que o rodeia e do contexto histórico em que se insere, pois nós todos somos cidadãos do mundo, portanto fazemos **História**, somos **História**.

(*) Décio Drummond é professor e crítico de arte.

Vida Cultural

De 16 a 20 de janeiro de 1995, no 2º andar da Faculdade de Medicina da USP (antigo Departamento de Microbiologia), sob a coordenação do professor Carlos da Silva Lacaz, realizar-se-á o V Curso Sobre História da Medicina, em cujo programa constam: dia 16/01, a Medicina como Ofício Divino; dia 17/01, O Deus da Medicina (Esculápio ou Asclépio); dia 18/01, Os Lados Humano e Científico da Medicina. Humanização da Arte Médica; 19/01, Médicos Literatos, Ensaístas, Poetas, Romancistas, Educadores, Cientistas e Pesquisadores: 20/01, Um Pouco Sobre a Nossa Faculdade de Medicina e Outras Escolas Médicas do País. Todas as palestras serão realizadas às 10h.



Tomou posse na Cadeira nº 4 da Academia Paulista de Letras, no dia 24 de novembro passado, o Acadêmico Célio Debes, que foi recebido pelo Acadêmico Francisco Marins.



No dia 30 do mês passado aconteceram as eleições de diretoria na Academia Paulista de História, para os exercícios dos anos de 1995, 1996 e 1997. Os novos membros eleitos são: presidente, Douglas Michalany; vice-presidente, Célio Salomão Debes; secretário-geral, Délio Freire dos Santos; secretário, Guido Arturo Palomba; tesoureiro, José da Veiga Oliveira.



O doutor Waldemar Zusman escreveu o interessantíssimo livro "Os Filmes Que Eu Vi com Freud", onde interpreta filmes à luz da psicanálise. Procura fazer identificações, analogias, para sondar o inconsciente humano, uma vez que esse, em vários momentos, acaba se interconectando com outros trechos da película. Diz o autor que "há filmes que nos deixam reconciliados com a vida. Outros nos revolvem a alma, geram ansiedades insuportáveis e curiosidades insanáveis. Saímos do cinema querendo comentar o filme com alguém, aprofundar o entendimento de certas cenas e compreender melhor certos comportamentos de alguns personagens". O autor é médico, psicanalista com clínica no Rio de Janeiro e analista didata.



A Sociedade Brasileira de Médicos Escritores terá, para o próximo biênio, a seguinte diretoria: presidente, Carlos Luiz Campana; vice-presidente, Luiz Jorge Ferreira, 1º secretário, Walter Harris; 2º secretário, Luiz Bourroul; 1º tesoureiro, Helmut Matari; 2º tesoureiro, Odilon Homem de Mello; bibliotecária, Aida Begliomini; orador, Perboyre Lacerda Sampaio.

G.A.P.